

A GADITANIZAÇÃO DO ALGARVE

Elisa Sousa*

Ana Margarida Arruda**

RESUMO: Os trabalhos arqueológicos levados a efeito em sítios do litoral algarvio, concretamente em Castro Marim, Faro e Monte Molião (Lagos), evidenciaram, para a 2ª metade do 1º milénio a.n.e., e sobretudo a partir de finais do século IV a.n.e., uma forte relação com a área de Cádiz. Os dados destes sítios, recolhidos em contextos estratigráficos primários (finais do séc. IV e séc. III a.n.e.), foram estudados de forma aprofundada. O conjunto artefactual, composto pelas ânforas, cerâmica de tipo Kuass, cerâmica comum e cerâmica manual evidencia, em várias das categorias, um claro predomínio de produções provenientes da área de Cádiz, de acordo com a análise macroscópica das pastas. Tendo por base estes dados, a dependência que o Algarve evidencia no abastecimento de vasos cerâmicos em relação a Cádiz parece traduzir uma situação que ultrapassa a simples troca comercial, ou mesmo um comércio organizado. Mais do que uma dependência económica de uma região em relação à outra, parece tratar-se de uma verdadeira integração num universo político e económico único que seria gerido pela metrópole andaluza.

PALAVRAS-CHAVE: Algarve, Cádiz, Séculos IV e III a.n.e., Ânforas, Cerâmica de tipo Kuass, Cerâmica comum.

THE «GADITANIZATION» OF ALGARVE

ABSTRACT: The archeological excavations that occurred in the Algarve coast, namely in Castro Marim, Faro and Monte Molião (Lagos), showed, in the 2nd half of the 1st millennium B.C., and especially after the end of the 4th century B.C., a strong connection with Cadiz. The data from these Portuguese sites, recovered in stratigraphic contexts dated between the end of the 4th century and the 3rd century B.C., were studied in detail. The ceramic sets, formed by amphorae, Kuass ware, common and handmade pottery shows, in most of the categories, a major presence of materials from the Cadiz area, accordingly to the macroscopic analysis of the fragments. Based in these evidences, the dependence that Algarve manifests in the supply of ceramic vessels from the Cadiz area seems to translate a situation that overcomes the simple commercial trade, or even an organized commercial network. More than an economic dependence from one region to the other, this situation seems to reflect a true integration in a single political and economical universe, organized by Cadiz.

KEY WORDS: Algarve, Cadiz, 4th and 3rd Century B.C., Amphorae, Kuass Ware, Common Pottery.

Recibido: 24 de junio de 2010/Aceptado: 4 de diciembre de 2010/Fecha de publicación: 6 de abril de 2011.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos efectuados durante os últimos 25 anos na costa algarvia permitiram recolher um considerável conjunto de dados relativos à sua ocupação pré-romana.

* el@fl.ul.pt. UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. P-1600-214 Lisboa.

** a.m.arruda@fl.ul.pt. UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. P-1600-214 Lisboa.

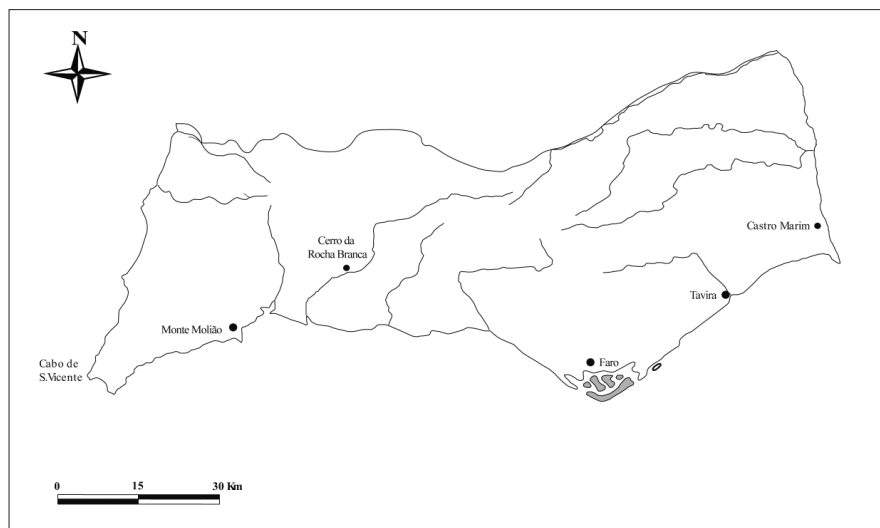


Fig. 1. Mapa do Algarve com a localização dos sítios citados no texto

É, assim, hoje possível afirmar que, durante a segunda metade do I milénio a.n.e., o litoral sul português registou uma ocupação mais intensa do que no período imediatamente anterior. Aos sítios já ocupados, como Castro Marim e Tavira, e, talvez mesmo, o Cerro da Rocha Branca, somou-se, a partir do séc. IV a.n.e., Faro e Monte Molião.

O estudo exaustivo dos conjuntos cerâmicos de alguns destes sítios permitiu constatar que, em momento avançado da Idade do Ferro, a presença de materiais provenientes da área de Cádiz assumiu uma muito particular importância. Essa presença significativa (quase esmagadora) de espólios gaditanos não parece explicável pela simples existência de meros contactos comerciais entre as duas regiões, sendo possível admitir que Cádiz terá exercido um importante papel no aumento da área ocupada, e consequentemente demográfico, do sul do território actualmente português, durante a chamada 2ª Idade do Ferro.

O conceito de «gaditanização» de G. Chic García¹, de que aqui, despidoramente, nos apro-

priamos, parece ser o que melhor enquadra os dados resultantes da análise dos espólios artefactuais que efectuámos.

2. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Dos sítios da costa algarvia com ocupação pré-romana tardia, que cobrem geograficamente toda a extensão desse litoral, foi possível estudar três deles e seus respectivos conjuntos artefactuais, designadamente Castro Marim, Faro e Monte Molião. Permitimo-nos também extrapolar os dados aqui obtidos para Tavira e Cerro da Rocha Branca, para os quais não há muitos dados publicados para a época que tratamos neste trabalho, tendo-nos parecido, contudo, que os que existem podem integrar o quadro que traçámos.

2.1. Castro Marim

Na zona mais oriental do Algarve, na margem direita do rio Guadiana, localiza-se o Castelo de Castro Marim. Este sítio, intervenciona-

¹ (2004).



Fig. 2. O Castelo de Castro Marim, visto de Norte

do desde a década de oitenta do século XX, e cuja área escavada totaliza já cerca de 500 m², foi intensamente ocupado durante a Idade do Ferro, entre o século VII e o século III a.n.e.

Infelizmente, os níveis conservados do período compreendido entre finais do séc. IV e o séc. III a.n.e. são escassos e foram apenas detetados no Sector 1 (293 m²). As ocupações posteriores, da época romana ao período moderno, afectaram profundamente os níveis arqueológicos anteriores.

De um total de sete níveis arqueológicos, datáveis entre finais do séc. IV e o séc. III a.n.e., constituídos quer por contextos primários de ocupação quer por estratos de derrube e/ou aterro, exumaram-se 420 vasos cerâmicos, distribuídos por cerâmica comum, contentores anfóricos, cerâmica de tipo Kuass, cerâmica manual, para além de outros artefactos (metais, contas de colar e líticos, entre outros).

2.2. Faro

Em Faro, cidade localizada no Cabo de Santa Maria, efectuaram-se várias intervenções na área urbana a partir de meados do séc. XX. Infelizmente, desconhecem-se, quase por completo, os resultados desses trabalhos.

Em 2001 e 2002, os arqueólogos da Câmara Municipal de Faro, os Drs. Dália Paulo e Nuno Beja, dirigiram escavações em área anexa ao Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique. A área intervencionada totalizou 64 m². Segundo os dados estratigráficos obtidos no decurso da intervenção, o início da ocupação deste local situou-se no último quartel do séc. IV a.n.e. A opção de musealizar este espaço condicionou a escavação dos estratos mais antigos, cuja área foi consideravelmente reduzida. Naturalmente, este facto dificultou a leitura urbanística, desconhecendo-se, quase completamente, as suas características arquitecturais. No espaço intervencionado, documentaram-se 15 Unidades Estratigráficas de cronologia pré-romana, todas integradas entre os finais do séc. IV e o séc. III a.n.e. Nestes contextos, exumou-se um numeroso conjunto cerâmico, que totaliza 567 Indivíduos, distribuídos por cerâmica comum, ânforas, cerâmica de tipo Kuass e cerâmica manual.

2.3. Monte Molião

O sítio arqueológico de Monte Molião (Lagos) localiza-se na área mais ocidental do território algarvio. Conhecido desde finais do séc. XIX, a sua ocupação pré-romana apenas foi



Fig. 3. Vista aérea de Faro



Fig. 4. Vista aérea de Monte Molião

documentada, estratigraficamente, em 2006, quando se iniciou o projecto «Monte Molião na Antiguidade - MOM», dirigido por uma de nós (A.M. Arruda). Até ao momento, as três áreas intervencionadas revelaram a presença de

níveis e estruturas arqueológicas da Idade do Ferro. Também outras intervenções recentes levadas a efeito no âmbito de acções de emergência, localizadas no sopé da colina, evidenciaram ocupação anterior à época romana.

No seu conjunto, os trabalhos arqueológicos em Monte Molião revelaram a presença de um povoado sidérico de dimensões, aparentemente, consideráveis. Ao nível da arquitectura, o sítio evidenciou a utilização de métodos de construção singulares, que implicaram a escavação de valas no substrato rochoso calcário, onde eram encaixadas as estruturas pétreas. Os alçados destes muros seriam elevados em taipa.

Os pisos de ocupação eram, geralmente, construídos mediante o afeiçoamento do próprio substrato rochoso, colmatando as falhas deste com placas de calcário moído. Os espaços de habitação encontram-se habitualmente dotados de uma pequena estrutura de combustão.

O início da ocupação deste povoado parece situar-se em torno às últimas décadas do século IV a.n.e., proposta sustentada pela presença, nos primeiros níveis de ocupação, de cerâmica de tipo Kuass, cuja produção só se inicia a partir do último quartel dessa centúria.

A área intervencionada nos sectores que proporcionaram dados sobre a ocupação sidérica é de cerca de 280 m². Destes contextos, exumou-se um total de 1001 Indivíduos, distribuídos por cerâmica comum, ânforas, cerâmica de tipo Kuass, cerâmica manual, e outros artefactos (metais, contas de colar e líticos, entre outros).

3. METODOLOGIA UTILIZADA

Nos sítios arqueológicos analisados, foram seleccionadas todas as Unidades Estratigráficas (U.E.s) pré-romanas datáveis do momento compreendido entre finais do séc. IV e séc. III a.n.e. Os critérios de selecção foram a presença de cerâmicas de tipo Kuass, e, nos contextos em que estas não foram documentadas, as relações estratigráficas que permitiam a inclusão dessas U.E.s nesse mesmo período cronológico.

O método de quantificação utilizado para os materiais em contexto seguiu os critérios do Número Mínimo de Indivíduos (NMI). Dentro de cada contexto, e após a definição dos distin-



Fig. 5. Pisos e fossas escavados na rocha calcária do Monte Molião, com as estruturas do período romano-republicano sobrepostas



Fig. 6. Lareira do período pré-romano do Monte Molião

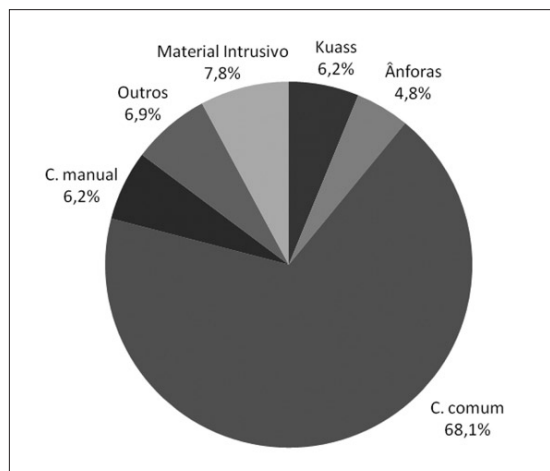


Fig. 7. Distribuição por categorias do material recolhido nos níveis pré-romanos de Castro Marim

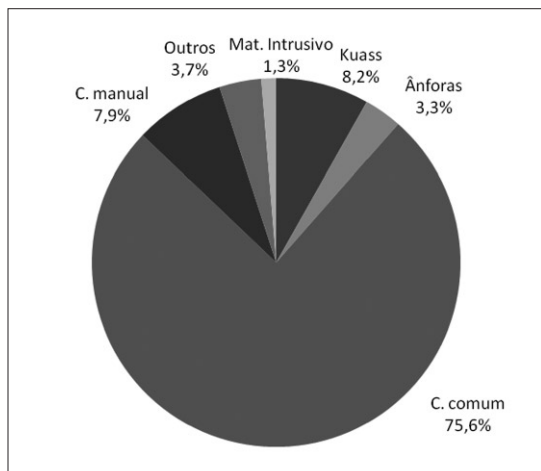


Fig. 9. Distribuição por categorias do material recolhido nos níveis pré-romanos do Monte Molhão

tos grupos de fabrico, efectuou-se a contabilização dos elementos mais característicos de cada forma. O valor mais elevado das diferentes partes morfológicas de cada agrupamento cerâmico constitui o NMI.

A análise dos fabricos dos distintos grupos cerâmicos foi efectuada com base na sua observação macroscópica, e os grupos foram divididos de acordo com as categorias cerâmicas.

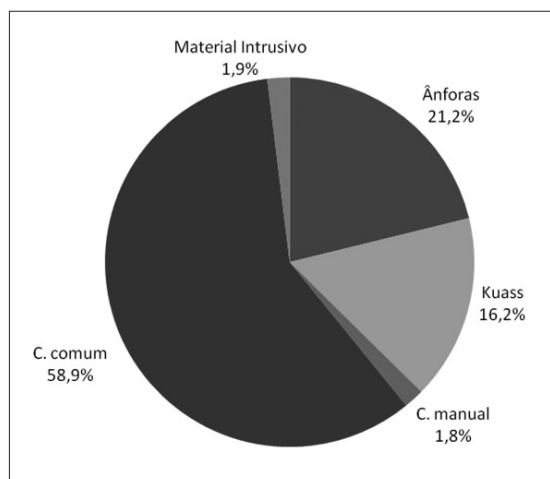


Fig. 8. Distribuição por categorias do material recolhido nos níveis pré-romanos de Faro

4. OS MATERIAIS CERÂMICOS

O espólio de cada um dos três sítios foi analisado de acordo com os parâmetros anteriormente estabelecidos. A divisão dos fragmentos cerâmicos seguiu, essencialmente, critérios técnico-funcionais, que resulta na distinção de quatro grandes grupos: ânforas, cerâmica a torno, também chamada comum, cerâmica manual e cerâmica de mesa de tipo Kuass. A clássica distinção entre cerâmica comum e cerâmica pintada em bandas não foi aqui tida em consideração, uma vez que, nestes momentos mais tardios da Idade do Ferro, são raras as formas exclusivas de cada um destes dois tipos. Pelo contrário, a mesma forma cerâmica pode apresentar ou não, indistintamente, decorações pintadas, sem que este pormenor altere significativamente a sua funcionalidade.

Em Castro Marim, cabe realçar a percentagem de material intrusivo nos contextos, cerca de 8%, valor superior aos outros casos estudados. Este facto justifica-se, naturalmente, pela intensa ocupação sidérica do sítio, desde meados do séc. VII a.n.e. A cerâmica comum representa a categoria mais expressiva, com cerca de

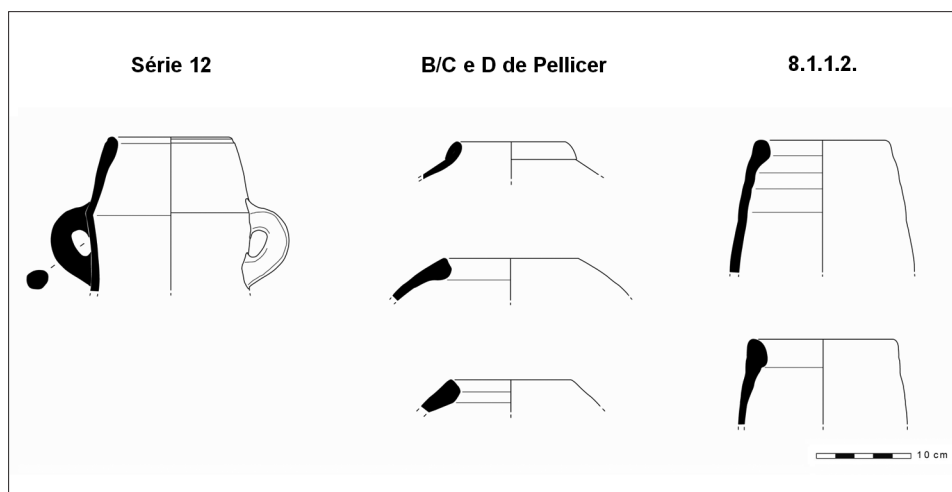


Fig. 10. Ânforas pré-romanas de Castro Marim

68% do conjunto, seguida pela cerâmica manual e pela de tipo Kuass, cada qual com cerca de 6%. Seguem-se os contentores anfóricos, que representam cerca de 5% do conjunto. Na categoria designada de outros, foram incluídos vários exemplares de artefactos metálicos, líticos e de osso polido, e contas de colar de cerâmica ou de pasta vítrea, entre outros (7%).

Em Faro, a distribuição dos recipientes é ligeiramente distinta. À cerâmica comum, que corresponde a cerca de 59% do conjunto, seguem-se os contentores anfóricos, com cerca de 21% e a cerâmica de tipo Kuass, com 16%. A cerâmica manual é a categoria menos representada, com menos de 2%, percentagem que é também a do material intrusivo.

Em relação ao Monte Molião, a distribuição do espólio analisado aproxima-se do panorama verificado para Castro Marim. A cerâmica comum constitui mais de dois terços do conjunto, com uma percentagem superior a 75%. Segue-se a cerâmica de tipo Kuass, com cerca de 8%, a cerâmica manual, com 8% e as ânforas, com 3%. Líticos, objectos metálicos e cerâmicos de outra natureza correspondem a cerca de 4% do conjunto. Os restantes 2% correspondem a materiais intrusivos.

4.1. Os contentores anfóricos

As ânforas constituem uma categoria numericamente pouco expressiva em Castro Marim e em Monte Molião, sendo a sua representatividade nestes dois conjuntos inferior a 5%. Apenas em Faro esta categoria é mais expressiva, sendo um pouco superior a 20%.

Em Castro Marim, as ânforas representam 4,8% do conjunto, o que corresponde a 20 Indivíduos, encontrando-se presentes as formas mais típicas deste período, nomeadamente as variantes evolucionadas do tipo Mañá Pascual A4 (série 12 de Ramon Torres), o tipo Tiñosa (tipo 8.1.1.2. de Ramon Torres), o tipo D e o tipo B/C de Pellicer. O único factor que poderia causar alguma estranheza seria a ausência das ânforas de tipo Carmo (tipo 8.2.1.1. de Ramon Torres). Deve-se, contudo, salientar que a sua presença, ainda que em número reduzido, foi documentada no sítio, não se encontrando, infelizmente, em níveis arqueológicos de deposição primária.

Em Faro, os contentores anfóricos representam 21,2% do conjunto, o que corresponde a 120 Indivíduos. A forma mais representada integra-se no tipo B/C de Pellicer, seguindo-se as ânforas do tipo D da mesma tipologia, as de

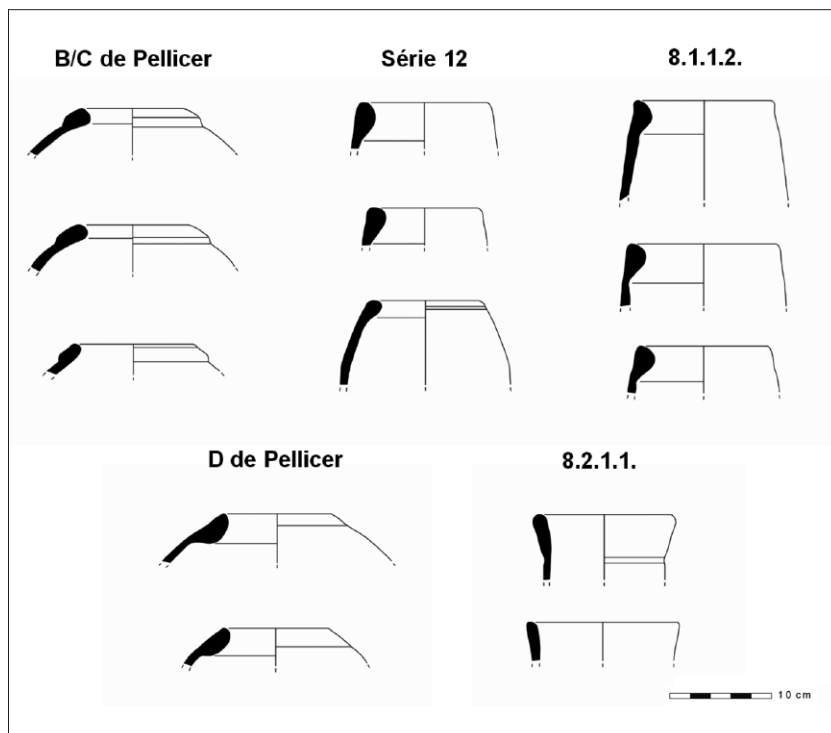


Fig. 11. Ânforas pré-romanas de Faro

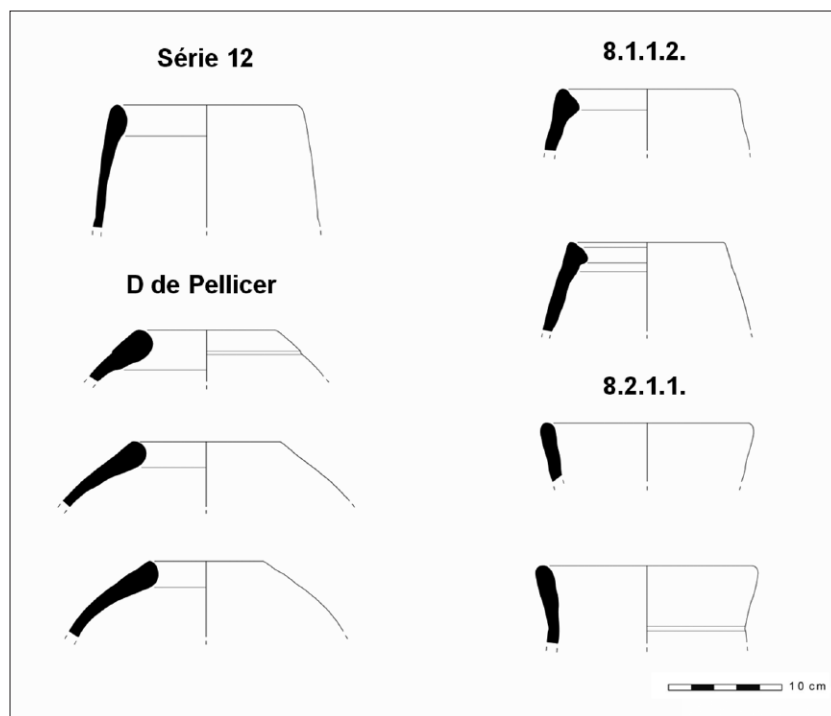


Fig. 12. Ânforas pré-romanas do Monte Molião

tipo 8.1.1.2., as Mañá Pascual A4 da série 12 e as 8.2.1.1. O domínio da primeira das formas poderia causar alguma perplexidade, mas parece poder justificar-se pela identificação de um grupo de fabrico que corresponderá, muito provavelmente, a uma produção local, e que é exclusivo desta forma.

No Monte Molião, as ânforas representam 3,3% do conjunto analisado, o que corresponde a 25 Indivíduos. Encontram-se, também presentes as formas da série 12, 8.1.1.2., 8.2.1.1., D e B/C de Pellicer.

A análise macroscópica das pastas destes materiais permitiu a identificação de cinco grupos distintos.

O grupo I, apenas identificado em Faro, corresponde a um fabrico que presumimos ser local. Corresponde a pastas compactas e estratificadas, de textura fina e fractura regular, com tonalidades que variam entre o laranja avermelhado e o laranja acastanhado. São mal depuradas, sendo possível identificar a presença de calcites, quartzo, micas brancas e minerais negros. Estas características macroscópicas observam-se unicamente em ânforas enquadráveis no tipo B/C de Pellicer, particularmente nas suas variantes evolucionadas. Em Faro, este fabrico corresponde a 34% do conjunto anfórico.

O grupo II, transversal aos três sítios arqueológicos, engloba pastas brandas, porosas e arenosas, de textura fina e fractura irregular. A tonalidade varia entre o castanho amarelado e o bege rosado. São pouco depuradas, sendo possível identificar a presença de micas brancas e preteadas e quartzos. Correspondem às produções da baía de Cádiz. Em Castro Marim, os exemplares enquadráveis neste grupo totalizam 55%, em Faro, 39% e, no Monte Molião, 58%. A menor representatividade deste fabrico em Faro deve ser matizada pela existência de quantidades muito apreciáveis de ânforas de produção local.

O grupo III, também presente em todos os sítios analisados, corresponde a pastas duras e compactas, de fractura regular, mediantemente depuradas, sendo bicolores, com o cerne acinzentado ou acastanhado. Foi possível identificar, macroscopicamente, a presença de calcites, moscovites, quartzos, feldspatos e escassos elementos ferruginosos. Apresenta semelhanças com o grupo «Extremo Ocidente Indeterminado», definido por J. Ramon Torres². Em Castro Marim, 10% dos recipientes anfóricos integram-se nesta produção. Em Faro, correspondem a 8% e no Monte Molião a 3%.

O grupo IV engloba as produções características da área da Campiña Gaditana. Possui pastas duras, bicolores (cerne acinzentado e superfície laranja acastanhada), de textura rugosa, fractura regular e pouco depuradas. Foi possível identificar, através da análise macroscópica, calcites, moscovites, quartzos, feldspatos, e alguns nódulos ferruginosos. Corresponde a um grupo de fabrico bem representado nos três sítios analisados. Em Castro Marim, 30% do conjunto anfórico é integrável neste fabrico. Em Faro, corresponde a 18% e em Monte Molião a 36% do conjunto.

O grupo VI engloba pastas compactas e de textura fina. A sua tonalidade varia entre o amarelo acastanhado e o castanho. Foi possível identificar, macroscopicamente, a presença de grãos de areia sub-rolados e feldspatos. Tal como o grupo III, este grupo é integrável no tipo «Extremo Ocidente Indeterminado» de Ramon Torres. Este fabrico foi unicamente identificado em Faro, onde corresponde a 1% do conjunto anfórico.

Como se pode observar pelos gráficos de distribuição, as produções macroscopicamente atribuíveis à área da baía de Cádiz encontram-se bem representadas nos sítios arqueológicos analisados, correspondendo a contentores da série 12 de Rá-

2 (1995).

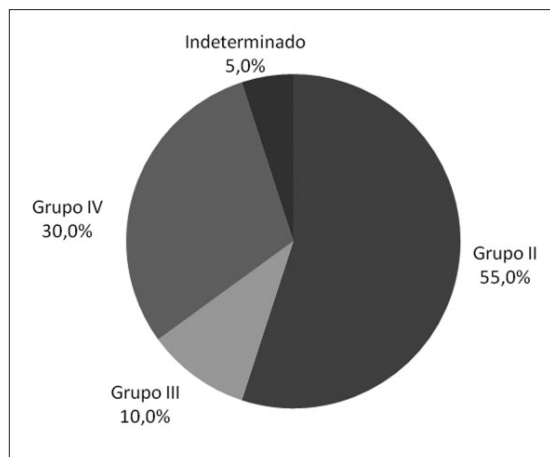


Fig. 13. Distribuição das ânforas pré-romanas de Castro Marim pelos grupos de fabrico

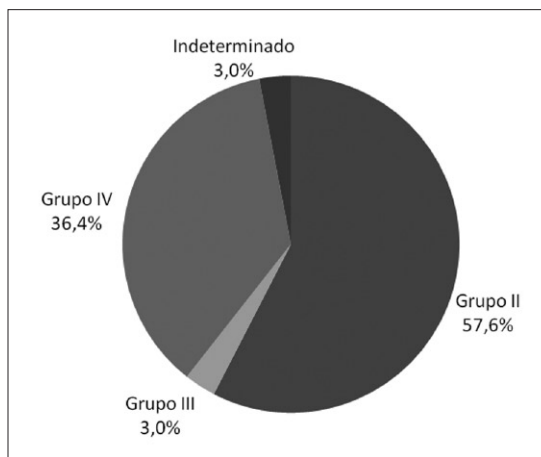


Fig. 15. Distribuição das ânforas pré-romanas de Monte Molião pelos grupos de fabrico

mon Torres, D de Pellicer e 8.2.1.1., aos quais tem sido, sistematicamente, atribuído um conteúdo piscícola. Em Faro, a presença de exemplares do grupo II é ligeiramente menos expressiva, dada a existência da já referida produção local/regional que equilibra, quantitativamente, as percentagens. Outro grupo de produções também bem ca-

racterizada nos conjuntos estudados corresponde às ânforas fabricadas na área da Campiña Gaditana, que, em Castro Marim e em Monte Molião, chegam a atingir um terço dos recipientes anfóricos. Este grupo de fabrico traduz-se na presença exclusiva de contentores do tipo 8.1.1.2., para os quais um conteúdo oleícola foi atestado, através da realização de análises químicas. Os grupos III e VI, que correspondem a produções indeterminadas, compõem o que resta dos gráficos de distribuição, correspondendo a ânforas do tipo B/C e D de Pellicer.

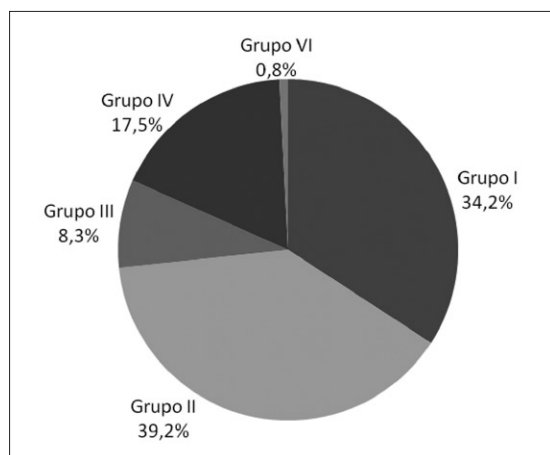


Fig. 14. Distribuição das ânforas pré-romanas de Faro pelos grupos de fabrico

4.2. A cerâmica de tipo Kuass

A cerâmica de tipo Kuass corresponde, essencialmente, ao serviço de mesa utilizado durante os momentos finais da Idade do Ferro.

Representa 6,2% do conjunto de Castro Marim, o que corresponde a 26 Indivíduos. As formas mais bem documentadas nos contextos aí conservados consistem nos pratos da forma II de A.M.^a Niveau de Villedary y Mariñas³ e nas taças da forma IX-A. Estão também presen-

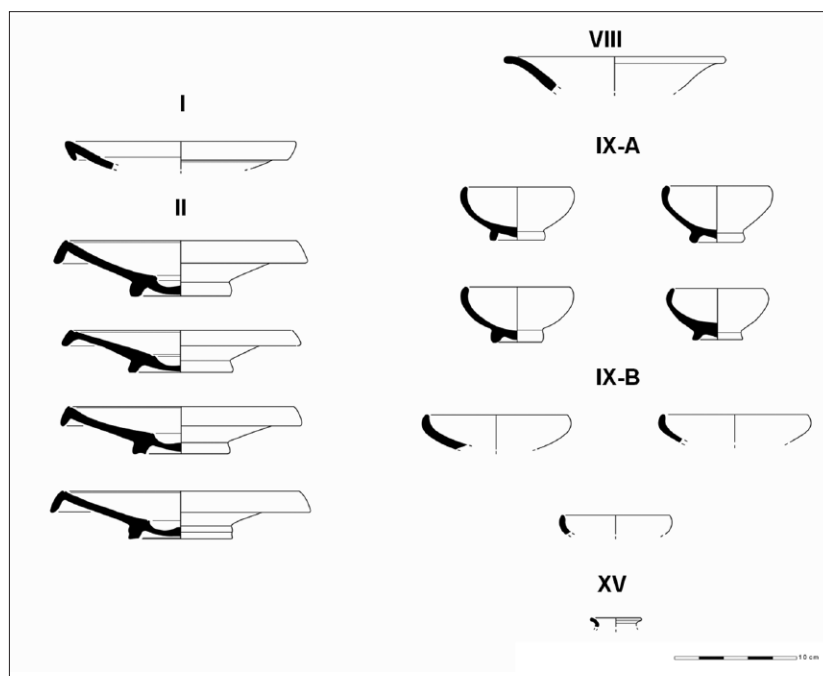


Fig. 16. Cerâmica de tipo Kuass de Castro Marim

tes, ainda que de forma bem menos expressiva e quase sempre singularmente, os pratos da forma I, as páteras da forma IX-B, as pequenas taças da forma IX-C, os vasos da forma VIII e os unguentários integráveis na forma XV.

Em Faro, a cerâmica de tipo Kuass encontra-se mais bem representada, correspondendo a 16,2% do conjunto, com 92 Indivíduos. Também aqui, as formas mais frequentes consistem nos característicos pratos da forma II de Niveau e nas taças da forma IX-A. Muito mais escassas são as páteras da forma IX-B, as pequenas taças da forma IX-C, os vasos da forma VIII e as taças da forma X.

No Monte Molião, a cerâmica de tipo Kuass corresponde a 10,5% do conjunto, com 77 Indivíduos. Mais uma vez, as principais formas representadas correspondem a pratos da forma II e a taças da forma IX-A de Niveau. Outros tipos documentados, embora menos frequentes, são as páteras da forma IX-B, as pequenas taças da forma IX-C e os vasos da forma VIII.

Ao nível dos fabricos, foi possível distinguir, através da análise macroscópica, quatro grupos.

O I corresponde a pastas mediantemente depuradas, de textura esponjosa, cujas tonalidades variam entre o cinzento e o alaranjado. Observa-se a presença de elementos de plagioclase, micas, quartzo, alguns elementos ferruginosos e calcites. O engobe é geralmente espesso, estalado, pouco aderente e heterogéneo, podendo variar entre o cinzento, o castanho e o vermelho.

O II engloba pastas bem depuradas, duras e muito compactas, cujas tonalidades variam entre o laranja e o cinzento. Entre os poucos elementos não plásticos que foi possível distinguir, destacam-se as partículas de mica, as calcites, os quartzos, a plagioclase e alguns elementos ferruginosos. O engobe é fino, homogéneo e aderente, de coloração avermelhada.

O grupo III tem pastas depuradas e compactas, cuja tonalidade varia entre o amarelo alaranjado e o amarelo. Identificaram-se elementos de plagioclase, calcites, quartzo, mica e alguns

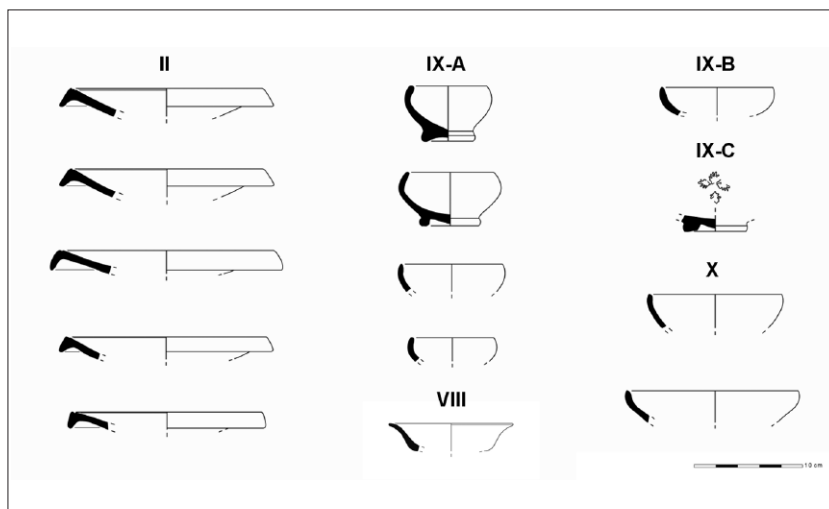


Fig. 17. Cerâmica de tipo Kuass de Faro

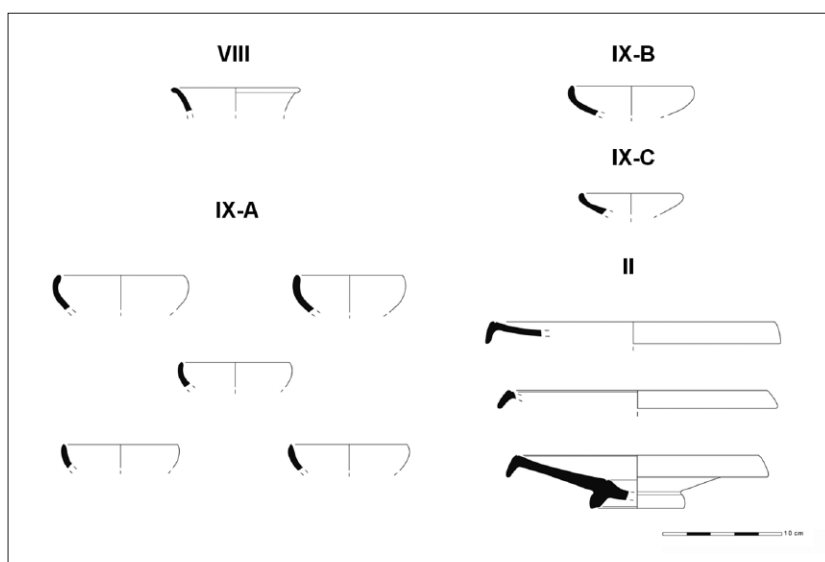


Fig. 18. Cerâmica de tipo Kuass do Monte Molião

elementos ferruginosos. O engobe é heterogêneo, frequentemente estalado, e varia entre o avermelhado e o cinzento escuro.

O grupo IV possui pastas pouco depuradas, de dureza média e textura ligeiramente esponjosa. As suas tonalidades variam entre o laranja avermelhado e o vermelho. Ao nível dos elementos não plásticos, foi possível distinguir a presen-

ça de plagioclase, micas, elementos ferruginosos e de abundantes calcites.

Em relação à origem destes grupos de fabrico, os primeiros três (I, II e III) parecem ser provenientes da área de Cádiz, ainda que apenas o último seja enquadrável, pelas suas características macroscópicas, nas produções da área da baía. As abundantes quantidades de calcites

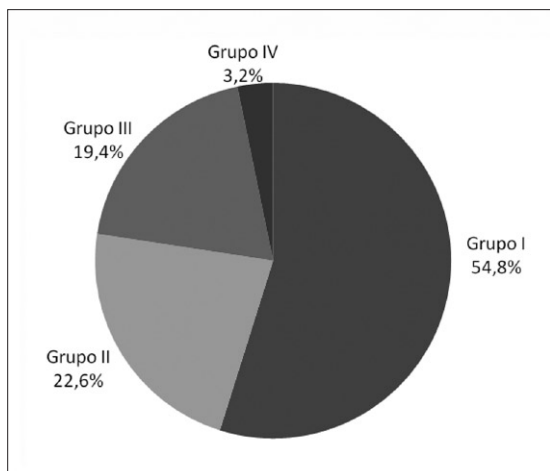


Fig. 19. Distribuição da cerâmica de tipo Kuass de Castro Marim pelos grupos de fabrico

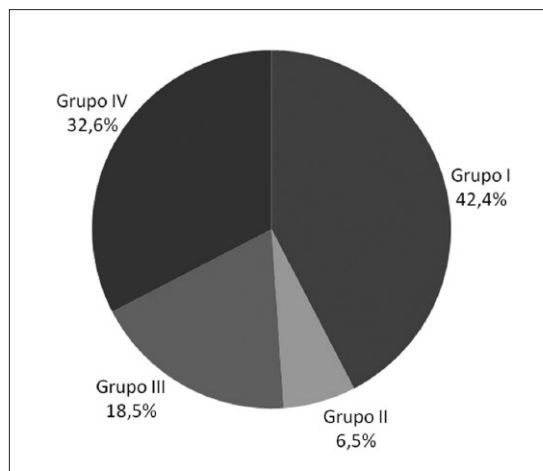


Fig. 20. Distribuição da cerâmica de tipo Kuass de Faro pelos grupos de fabrico

presentes nas pastas do Grupo IV permitem equacionar a possibilidade de se tratar de uma produção da área atlântica norte africana, uma vez que esta é, justamente, uma das principais características dos ateliers dessa área⁴.

4.3. A cerâmica comum

Como é natural, a cerâmica comum é a categoria mais expressiva nos conjuntos analisados.

Em Castro Marim, está representada por 68,1%, o que corresponde a 286 Indivíduos. As formas mais frequentes são as tigelas de perfil hemisférico (tipo GDR 1.2 de Sáez Romero) e os recipientes integrados na categoria de potes/panelas (tipo GDR 9 e 12). Outras formas, ainda que menos representados numericamente, consistem em bacias/alguidares (tipo GDR 4), pratos (tipo GDR 5), taças de pequena dimensão (tipo GDR 1.1), almofarizes (tipo GDR 3), pequenos potes e unguentários.

Em Faro, a cerâmica comum corresponde a 59% do conjunto analisado, traduzindo 334 Indivíduos. Tal como ocorre em Castro Marim, as

formas mais abundantes são as tigelas de perfil hemisférico (tipo GDR 1.2) e os potes/panelas (tipo GDR 9 e 12), sendo os almofarizes (tipo GDR 3), as bacias/alguidares (tipo GDR 4), os pratos (tipo GDR 5), as pequenas taças (tipo GDR 1.1), os pequenos potes e os unguentários menos numerosos.

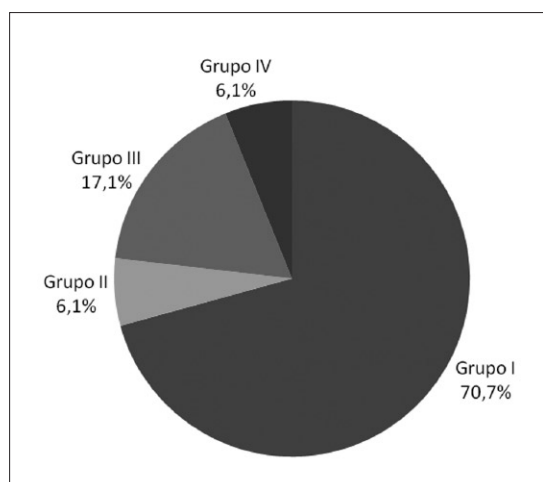


Fig. 21. Distribuição da cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião pelos grupos de fabrico

⁴ STAMBOULI, A. *et al.* (2007).

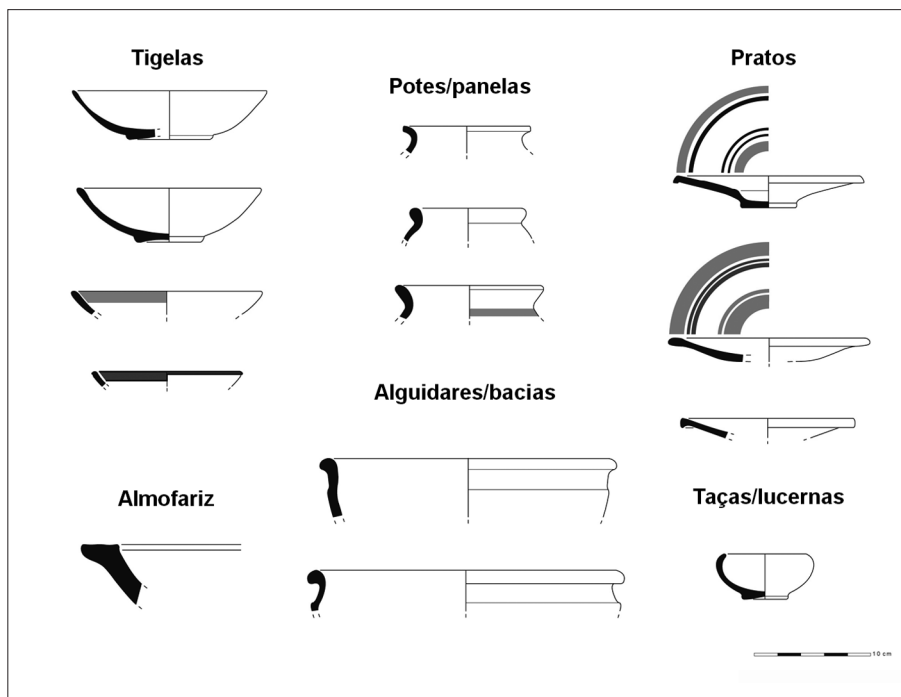


Fig. 22. Cerâmica comum de Castro Marim

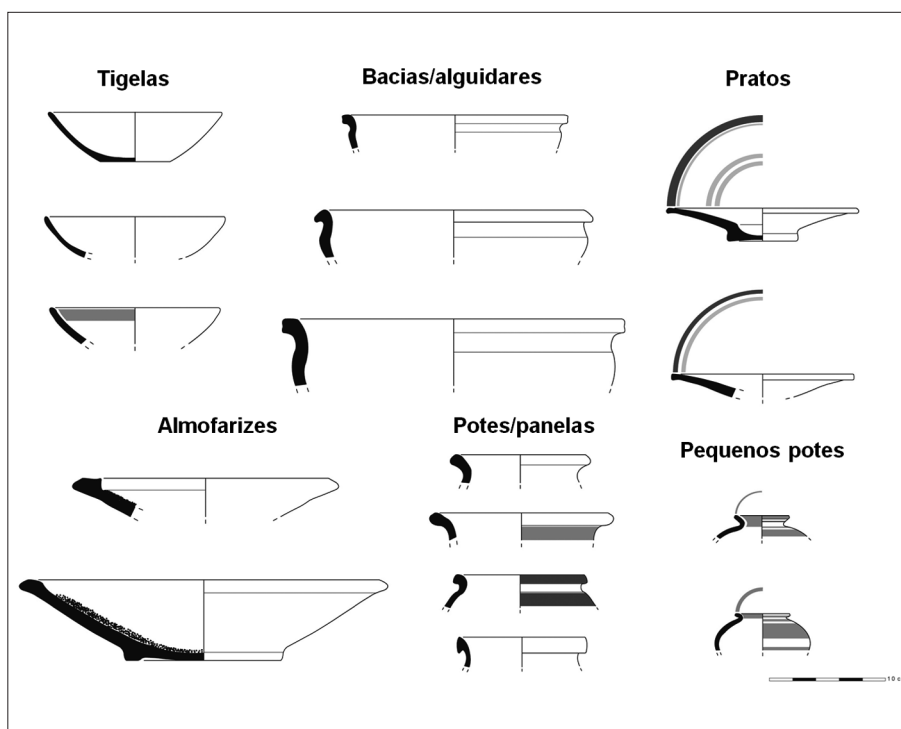


Fig. 23. Cerâmica comum de Faro

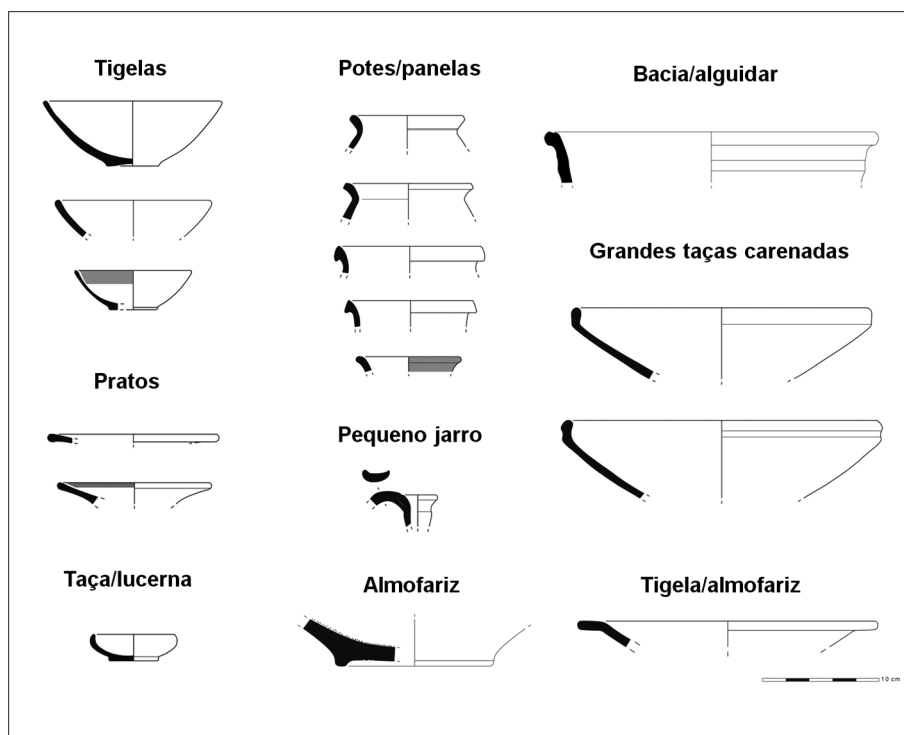


Fig. 24. Cerâmica comum do Monte Molião

Em Monte Molião, a situação é semelhante à registada nos casos anteriores. A cerâmica comum representa 75,6% do conjunto. As tigelas de perfil hemisférico (tipo GDR 1.2) são o tipo mais numeroso, seguidas pelos potes/panelas (tipo GDR 9 e 12). As bacias/alguidares (tipo GDR 4), os pratos (tipo GDR 5), as taças de pequena dimensão (tipo GDR 1.1), os almofarizes (tipo GDR 3), os pequenos potes e as grandes taças carenadas (tipo GDR 2) são outras formas menos documentadas.

A análise macroscópica dos recipientes de cerâmica comum permitiu distinguir, em todos os sítios analisados, dois grupos de fabrico distintos.

O primeiro, designado de grupo 1, parece corresponder a produções locais algarvias, sendo a produção de Castro Marim designada de grupo 1-A, a de Faro, grupo 1-B e, a de Monte Molião, grupo 1-C.

O grupo 1-A caracteriza-se por possuir pastas mediamente compactas e pouco depuradas, distinguindo-se frequentes e diminutas partículas de mica, muitos elementos ferruginosos de média e grande dimensão, alguns quartzos e pequenos núcleos de calcite. As suas tonalidades são, sobretudo, castanho-avermelhadas.

O grupo 1-B engloba pastas relativamente porosas e mal depuradas, distinguindo-se ocasionais calcites de pequena e média dimensão, por vezes sob a forma de veios. Identificaram-se ainda algumas partículas de plagioclase de média dimensão, escassas e diminutas micas e raros elementos ferruginosos de pequena dimensão. A coloração das pastas é avermelhada.

O grupo 1-C também corresponde a pastas mediamente compactas e pouco depuradas. Ao nível dos elementos não plásticos, é possível identificar a presença frequente de micas de pequena dimensão, alguns grãos de quartzo peque-

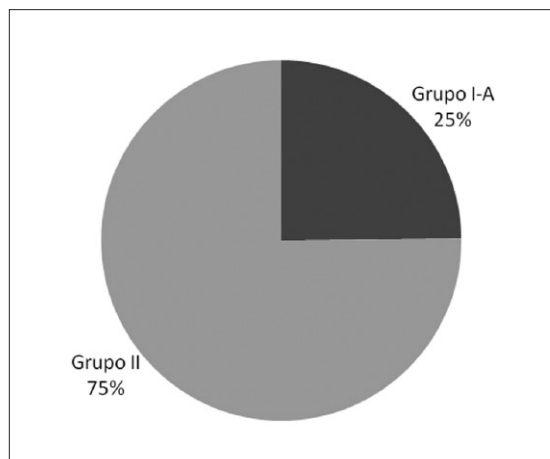


Fig. 25. Distribuição da cerâmica comum de Castro Marim pelos grupos de fabrico

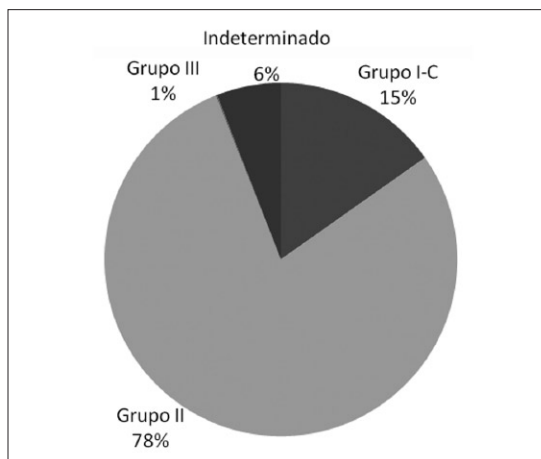


Fig. 27. Distribuição da cerâmica comum do Monte Molião pelos grupos de fabrico

nos e médios, a presença ocasional de calcites de pequena dimensão e raros elementos de plagioclase de pequena dimensão. A tonalidade das pastas centra-se entre o laranja e o vermelho.

O grupo 2, transversal e maioritário em todos os sítios estudados, corresponde a produções que consideramos serem originárias da área da baía de Cádiz. As pastas são porosas, relativamente bem depuradas, sendo possível identificar a presença de alguma plagioclase, calcites,

elementos de quartzo, micas e elementos ferruginosos de pequena dimensão. As tonalidades deste fabrico variam entre o bege amarelado e o alaranjado, apresentando grandes semelhanças com o grupo II estabelecido para os contentores anfóricos.

Em Monte Molião, foi possível identificar um terceiro fabrico, o grupo III, ainda que este esteja representado por um único fragmento. A pasta do exemplar apresenta uma pasta dura, de textura rugosa, fractura regular e pouco depuradas. A fractura é bicolor, de cerne acinzentado e superfície acastanhada. Foi possível identificar, através da análise macroscópica, calcites, moscovites, quartzos, feldspatos, e alguns nódulos ferruginosos. Estas características de fabrico evidenciam semelhanças com as produções anfóricas da área da Campiña Gaditana, pelo que a proposta de uma mesma origem é perfeitamente plausível.

Ao analisar a distribuição dos grupos de fabrico identificados, é possível verificar, nos três sítios estudados, uma esmagadora presença de exemplares que presumimos serem provenientes da área da baía de Cádiz, que ultrapassa dois terços do conjunto da cerâmica comum. Em Castro Marim, esta produção corresponde a 75% do

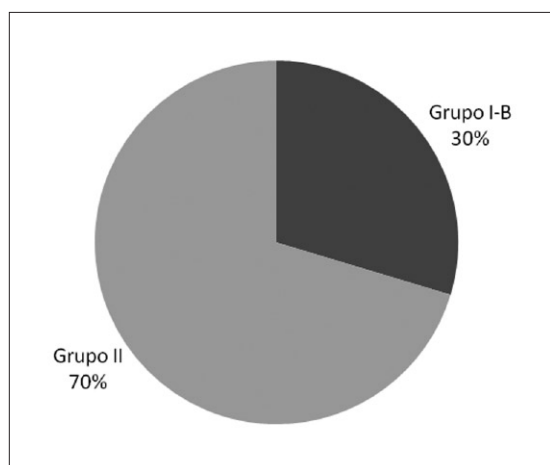


Fig. 26. Distribuição da cerâmica comum de Faro pelos grupos de fabrico

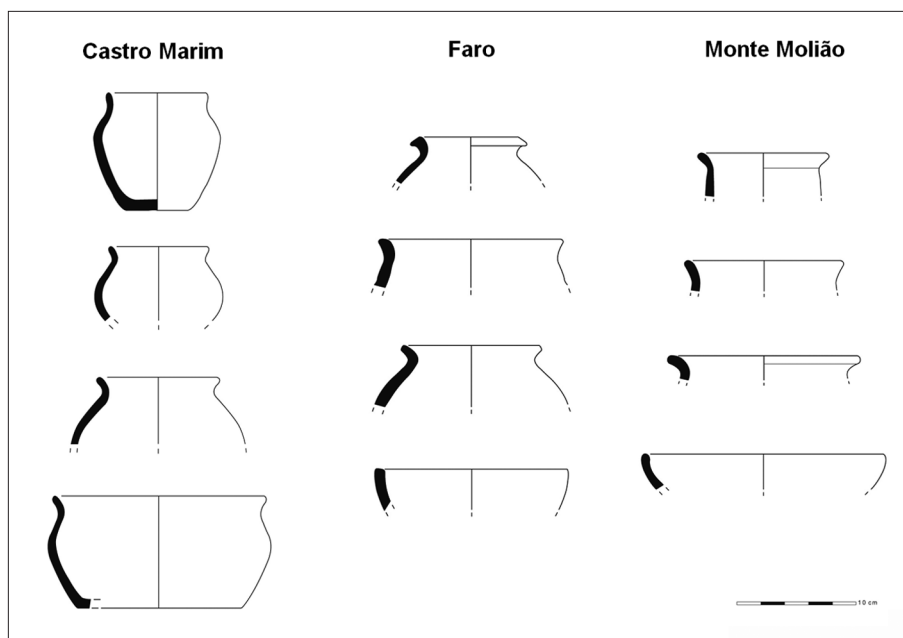


Fig. 28. Cerâmica manual de Castro Marim, Faro e Monte Molião

conjunto, em Faro a 70% e, no Monte Molião, a 78%. As produções locais, com características macroscópicas próprias de cada sítio, compõem o restante conjunto, para além de fragmentos cuja origem não foi possível determinar. No Monte Molião, deve acrescentar-se a identificação de um único exemplar, 1% do conjunto, proveniente da área da Campiña Gaditana.

4.4. A cerâmica manual

A cerâmica manual é uma presença constante nos três sítios analisados, ainda que seja pouco expressiva.

Em Castro Marim, representa 6,2% do conjunto analisado, o que se traduz em 26 Indivíduos. As formas consistem, essencialmente, em potes/panelas e tigelas/taças. Singularmente, documentou-se a presença de um recipiente definido como copo.

Em Faro, corresponde apenas a 1,8%, com 10 Indivíduos, estando a sua distribuição formal restringida a potes/panelas e taças/tigelas.

No Monte Molião, a cerâmica manual é um pouco mais expressiva, consistindo em 7,9% do espólio, o que traduz 79 Indivíduos. As formas mais representadas são idênticas às já referidas para os outros sítios algarvios.

Em nosso entender, a presença deste tipo de recipientes não deve ser encarada como um sinal de indigenismo das populações que habitaram a costa algarvia nos finais da Idade do Ferro, uma vez que, em todos os casos, as produções locais evidenciam já uma constante utilização do torno. A utilização de cerâmica manual, atendendo ao seu peso percentual nas amostras estudadas e às formas representadas, parece revestir-se de um carácter eminentemente funcional. Frequentemente, estes recipientes surgem com vestígios de exposição ao fogo, o que indicia a sua utilização principal como cerâmica de cozinha. A fraca depuração das pastas destes vasos, tal como ocorre, ainda que em menor grau, com a cerâmica a torno de produção local, poderá propiciar a sua utilização ao fogo, função que dificilmente podia ser desempenhada pelos re-

recipientes importados da baía de Cádiz, dadas as suas características físicas.

5. AS FRAGILIDADES DOS DADOS E DA ANÁLISE COMPARATIVA

Estamos conscientes que a abordagem e análise que aqui efectuámos, bem como os resultados que proporcionaram, podem ser, a vários níveis, discutíveis.

Por um lado, sabemos bem que a proposta de atribuição de proveniências aos recipientes cerâmicos tendo por base, exclusivamente, a análise macroscópica das pastas, sem que aquela proveniência esteja confirmada por análises químicas e petrográficas é problemática. Contudo, a intensificação de trabalhos de escavação no litoral sul e o estudo de alguns conjuntos cerâmicos provenientes de sítios da costa algarvia, bem como, aliás, as recentes análises efectuadas sobre a geoquímica e transformações térmicas das argilas do Algarve⁵, trouxeram dados que, do nosso ponto de vista, corroboram as hipóteses apresentadas.

Assim, tudo indica que desde o início da elaboração a torno de cerâmicas com cozeduras oxidantes, as produções de toda a costa algarvia apresentam, sistematicamente, características semelhantes, particularmente ao nível compactação e textura, e das tonalidades, que variam entre o laranja e o vermelho. No actual estado dos nossos conhecimentos, parece possível defender que, desde o início da Idade do Ferro, a produção local nesta área não incluiu cerâmicas de pastas claras. Esta evidência, associada à observação directa dos materiais, permite, aparentemente uma clara distinção entre os recipientes produzidos localmente e os importados. No caso das ânforas, romanas e mesmo nas de cronologia anterior, por exemplo, esta distinção é aplicada comumente, e sem grandes contro-

vérrias, sendo possível atribuir uma origem mais concreta a fragmentos de contentores anfóricos, nomeadamente à baía de Cádiz e à campina gaditana, bem como, aliás, ao vale do Guadalquivir, isto para não sairmos da área andalusa.

Aplicando os mesmos princípios às restantes categorias cerâmicas, particularmente à cerâmica comum, julgamos que se torna possível distinguir, também, as produções locais dos materiais de outras proveniências. Aliás, deve registar-se a diversidade existente no primeiro grupo (I-A, I-B, I-C), cujos materiais divergem consoante os sítios estudados, o que contrasta com a homogeneidade do outro, exógeno (Grupo II), considerado por nós como proveniente da área da baía de Cádiz, e que é transversal a todos os locais analisados.

Por outro lado, pensamos que a análise comparativa que efectuámos entre sítios arqueológicos com áreas escavadas e realidades estratigráficas e artefactuais algo distintas, particularmente a nível quantitativo, é legítima uma vez que as divergências dos números reais puderam ser atenuadas com a conversão percentual dos dados. Esta conversão foi possível mediante a utilização dos mesmos critérios de selecção e do mesmo método de quantificação para os três conjuntos analisados. É a similitude entre os dados percentuais obtidos nos distintos sítios analisados que, em nosso entender, tornou aceitável interpretar os resultados obtidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período cronológico que se inicia a partir de meados do séc. IV a.n.e. corresponde, aparentemente, a um momento de intensificação da ocupação humana na costa algarvia. Esta intensificação parece materializar-se na fundação de, pelo menos, dois novos povoados, Faro e Monte Molião, cujo modelo de implantação é, em tudo,

5 TRINDADE, M.J.F. (2007).

idêntico aos que apresentam já uma ocupação anterior, obedecendo também aos mesmos critérios geográficos. Trata-se de implantações em altura, em colinas destacadas, que proporcionavam uma amplo domínio visual do território envolvente, próximas do mar, e quase sempre situadas nas margens de cursos fluviais. A maioria dessas colinas corresponderia, durante a Antiguidade, a ilhas ou pequenas penínsulas.

Sobre o momento exacto do início desta expansão, que corresponde ao apogeu da hegemonia de Cádiz na área atlântica, faltam ainda dados que permitam aferir cronologias mais precisas. Em torno a meados do I milénio a.n.e., assiste-se, em todo o Extremo Ocidente, a uma transformação e reorganização que abrange praticamente todos os aspectos das comunidades que habitavam essa área. Deste processo, Cádiz parece emergir, envergando uma componente hegemónica mais acentuada, particularmente sobre a área atlântica.

Em Castro Marim, em finais do séc. V a.n.e., parece ser já possível documentar parte desta crescente influência gaditana. Infelizmente, não é possível ainda possível isolar, caracterizar e quantificar os contextos estratigráficos relacionados quer com este momento, quer com os primeiros três quartéis da centúria seguinte. Sabemos, no entanto, que existem já produções gaditanas, quer ao nível dos contentores anfóricos como ao nível da cerâmica comum, em quantidades apreciáveis, que convivem ainda com cerâmica cinzenta e com o que se presume serem as últimas produções de cerâmica de engobe vermelho.

Também em Tavira, a julgar pelos escassos dados publicados até ao momento⁶, a ocupação pré-romana da segunda metade do 1º milénio

a.n.e. evidencia uma notável prosperidade. Parece possível, inclusive, pensar numa expansão da área ocupada, de acordo com os dados recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas no espaço do Banco Nacional Ultramarino, na área urbana da actual cidade. A referência à presença de cerâmicas «(...) com pastas compactas e duras e elementos não plásticos finos ou quase invisíveis, apresentando tons beges claros, amarelados ou alaranjados (...)»⁷, na fase tardia da Idade do Ferro, permite supor que as produções originárias da área de Cádiz são, também aqui, frequentes. Infelizmente, não é possível atribuir cronologias precisas à ocupação do espaço intervencionado. Embora a cerâmica grega permita datar a ocupação entre momentos avançados do séc. V e a centúria seguinte⁸, desconhecemos se esta se prolonga durante o séc. III a.n.e., dada a inexistência de referências à presença de cerâmica de tipo Kuass. Contudo, a indicação de que se teria também documentado a existência de ânforas da forma D de Pellicer⁹, parece apontar nesse sentido.

Em relação ao Cerro da Rocha Branca, os dados publicados parecem também indicar que, durante a chamada «II Idade do Ferro», o sítio se encontra plenamente integrado nos mesmos circuitos comerciais que a restante área litoral. Entre as estampas publicadas, é possível reconhecer, ao nível das ânforas, os tipos B/C de Pellicer, Tiñosa e Carmona¹⁰. O autor refere ainda a presença de cerâmica grega, quer de verniz negro quer de figuras vermelhas, e descreve «(...) cerâmicas de «verniz vermelho», de tipo tardio ou «íbero-tartéssico» (taças e «pratos de peixe», formas 21 e 23 de Lamboglia (...))»¹¹, que correspondem, muito provavelmente, a cerâmicas de tipo Kuass.

6 MAIA, M. (2007).

7 *Ibidem*: 465.

8 BARROS, P. (2003) y (2005); MAIA, M. (2007): 481-482.

9 *Ibidem*: 481.

10 GOMES, M.V. (1993): 95.

11 *Ibidem*: 80.

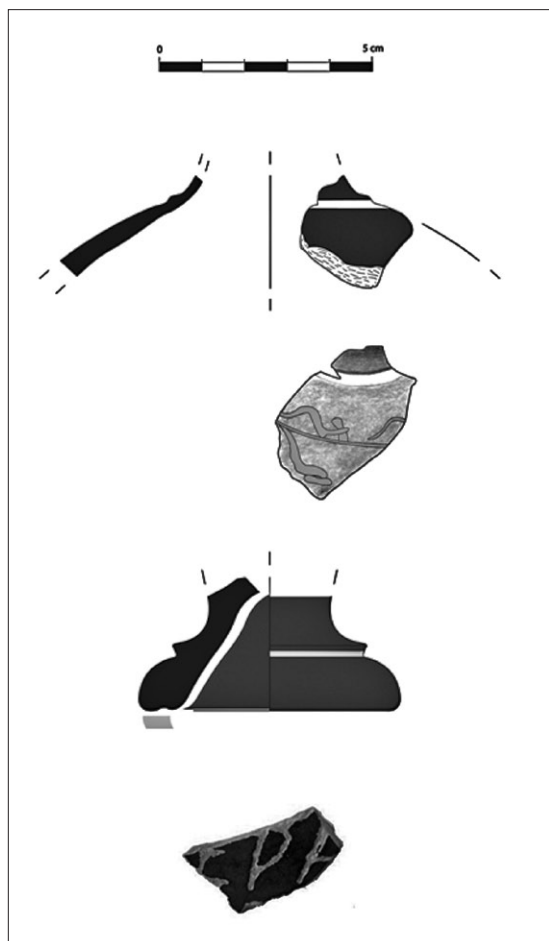


Fig. 29. Cerâmica grega recolhida no Monte Molião

Faro e Monte Molião constituem, neste quadro, os núcleos que apresentam uma ocupação mais tardia. Sobre o momento preciso em que este fenómeno se inicia destacam-se alguns elementos que merecem ser discutidos.

Em ambos os povoados sidéricos, as escavações arqueológicas permitiram obter uma leitura estratigráfica de toda a diacronia da sua ocupação.

Nos conjuntos artefactuais recuperados nos níveis mais antigos, depositados, em ambos casos, directamente sobre o substrato rochoso, existem

já fragmentos de cerâmicas de tipo Kuass. A produção desta categoria cerâmica encontra-se, de acordo com os dados obtidos até ao momento, documentada apenas a partir do último quartel do séc. IV a.n.e., facto que indica o *terminus post quem* para a formação desses depósitos arqueológicos. Contudo, nos espólios sidéricos exumados quer em Faro, quer em Monte Molião, foi possível recuperar ainda pequenos conjuntos de cerâmica ática de verniz negro e de figuras vermelhas, que, porém, não parecem ser incompatíveis com a cronologia proposta. De facto, se é verdade que as importações gregas para a Península Ibérica entram num evidente declínio a partir de 350 a.n.e., também é certo que elas podem atingir o último quartel do século IV, como é o caso, por exemplo, de Carteia¹² e do Castillo de Doña Blanca¹³, sítios onde também convivem com a cerâmica de tipo Kuass. Aliás, as características da cerâmica grega de Monte Molião não são incompatíveis com uma cronologia da segunda metade do século IV. A existência de cerâmica grega sobre pintada e as formas que pudemos identificar, como o *Kantharos* e o possível *Lagynos* (*Gutis type of Askos*), falam nesse sentido. Também em Faro, a datação dos vasos de engobe negro indiscutivelmente de produção ática poderia, sem grande dificuldade, avançar para os meados/segunda metade do século IV, como é o caso da forma 21/25 B, com fundo externo integralmente revestido de verniz negro (ainda que a ligação deste à parede esteja em reserva), da taça 21/22, bem como aliás o próprio prato de peixe, mesmo com círculos em reserva no fundo externo. Ainda no Algarve litoral, a necrópole da Quinta da Queimada fornece outros argumentos que podemos chamar aqui à colação, uma vez que as duas páteras áticas da forma 22 de Lamboglia estão associadas ao que parece ser um vaso de tipo Kuass¹⁴.

12 BENDALA GÁLAN, M. *et al.* (1994).

13 NIVEAU DE VILLEDARY Y MARINHAS, A.M.^a (2000).

14 CALADO, D. e GOMES, M.V. (2006).

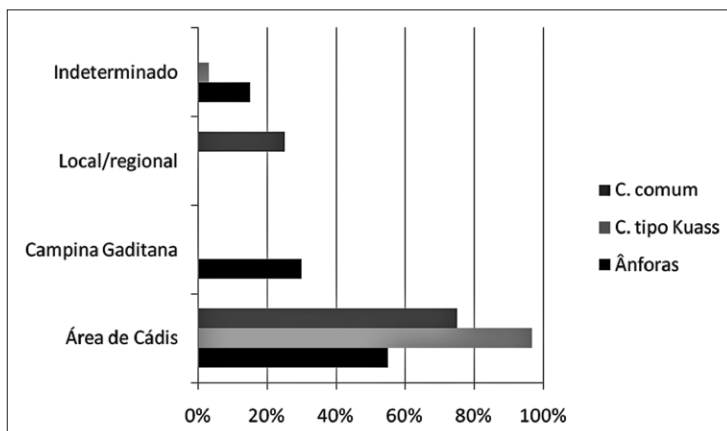


Fig. 30. Distribuição do conjunto cerâmico exumado nos níveis pré-romanos tardios de Castro Marim por áreas de produção

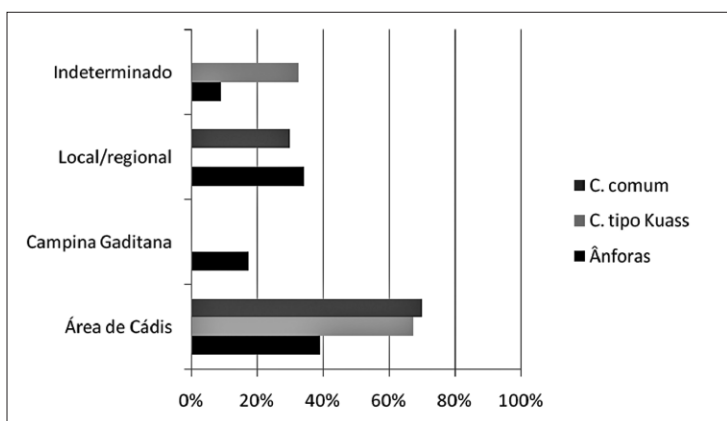


Fig. 31. Distribuição do conjunto cerâmico exumado nos níveis pré-romanos tardios de Faro por áreas de produção

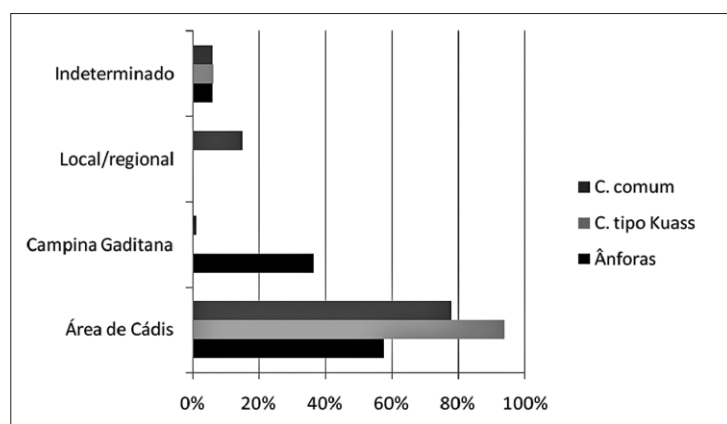


Fig. 32. Distribuição do conjunto cerâmico exumado nos níveis pré-romanos tardios do Monte Molião por áreas de produção

Os dados obtidos através da análise dos espólios de Castro Marim, Faro e Monte Molião evidenciam uma quantidade verdadeiramente surpreendente de importações da área de Cádiz entre o último quartel do séc. IV e o séc. III a.n.e.

Parece, assim, inquestionável que a ocupação humana na costa algarvia se intensifica a partir de finais do séc. IV a.n.e. Sítios anteriormente ocupados, como é o caso de Castro Marim, registam, nesse momento, um aumento exponencial de importações provenientes da área de Cádiz, quer ao nível dos produtos alimentares, envasados em ânforas, quer no que diz respeito às cerâmicas de mesa ou de uso comum. Não parece improvável que o mesmo panorama ocorra, em simultâneo, em Tavira e no Cerro da Rocha Branca, ainda que para estes dois sítios os dados publicados escasseiem.

Por outro lado, no Algarve central e ocidental, assiste-se à fundação de novos estabelecimentos, como é o caso de Faro e do Monte Molião, onde foi possível documentar idênticos espólios artefactuais, quer a nível formal quer no que se refere à sua proveniência.

Parece também provável que Cádiz, também nestes momentos tardios da Idade do Ferro, concentrasse e redistribuísse produtos de áreas vizinhas, sendo o exemplo mais explícito, ao nível do registo arqueológico, o azeite produzido na área do Guadalquivir e envasado em ânforas de tipo Tiñosa (8.1.1.2). Ainda que não seja impossível considerar a possibilidade de relações directas com essa área interior, a extrema raridade, nos espólios analisados, de outros produtos provenientes dessa região, que não os contentores anfóricos, torna a primeira possibilidade mais verosímil. Convém lembrar que apenas no Monte Molião se registou um fragmento de um recipiente de cerâmica comum produzido na Campiña gaditana.

A situação identificada no Algarve nos momentos finais da Idade do Ferro merece ser discutida, de forma a enquadrar, historicamente, as relações que se estabeleceram entre os povoados algarvios e a metrópole gaditana.

Em primeiro lugar, não devemos perder de vista que é em meados do século IV a.n.e. que Cartago se assume como potência comercial no Mediterrâneo central e mesmo, em parte, ocidental, ao mesmo tempo que *Gadir* parece também ser investida de um poder hegemónico na área atlântica. Esta hegemonia, que pode ser verificada através da esmagadora presença de produtos gaditanos a Ocidente do Estreito de Gibraltar, ou, pelo menos, no território algarvio, é passível de ser interpretada no quadro de umas relações comerciais de tipo institucional, em que *Gadir* assumiria a capitalidade da hipotética Liga púnico-gaditana¹⁵, ou através de uma colonização gaditana dos territórios a Ocidente do Guadiana.

Infelizmente, há dados que faltam para poder decidir entre as duas hipóteses possíveis. Entre eles, conta-se a ausência de elementos que permitam aferir o peso das importações de Cádiz na restante costa atlântica peninsular e mesmo na área do vale do Guadalquivir. De facto, ao nível das ânforas, por exemplo, se é verdade que os mesmos protótipos formais estão presentes, também é certo que não é ainda possível saber se para Carmona, Sevilha e Cerro Macareno estamos perante produtos fabricados na baía de Cádiz, ou em qualquer área do território turdetano. É este sobretudo o caso das ânforas de tipo B/C e D de Pellicer, mas também, ainda que em menor número, das de tipo Mañá Pascual A4.

O mesmo, mas em maior grau, se passa quando abordamos a cerâmica comum do Algarve, que julgamos ser, maioritariamente, gaditana, mas cuja origem desconhecemos na Andaluzia meridional. Relativamente à cerâmica de tipo Kuass, a situação é, apesar de tudo, mais

15 ARTEAGA, O. (1994).

simples de abordar, dada a sua escassez nos sítios andaluzes do Guadalquivir, e relativa abundância no sul de Portugal, quando comparada com aqueles, de acordo com os dados publicados até ao momento.

A existência de uma liga gaditana, encabeçada por Gadir, mas com núcleos urbanos independentes, incluindo apenas os sítios portugueses, e de onde estariam excluídos os da Andaluzia ocidental, parece pouco provável. Mas uma colonização do Algarve por parte de Cádiz parece também difícil de provar, até porque a re-

gião não estava desabitada quando essa pretensa colonização aconteceu, e Castro Marim e Tavira estavam ocupadas desde pelo menos o século VII a.n.e. O próprio Cerro da Rocha Branca tem níveis datados, pelo menos, desde o início do século IV, e, próximo de Monte Molião, a necrópole de Bensafrim evidencia a presença de populações já orientalizadas nos finais da 1ª metade do 1º milénio a.C. De qualquer forma, e seja qual for o modelo que se venha a revelar mais apropriado, tudo aponta para uma verdadeira gaditanização do Algarve.

BIBLIOGRAFIA

- ARTEAGA, O. (1994): «La liga púnico-gaditana. Aproximación a una visión histórica occidental, para su contrastación con el desarrollo de la hegemonía cartaginesa en el mundo Mediterráneo», en *Cartago, Gadir, Ebusus y la influencia púnica en los territorios hispanos. VIII Jornadas de Arqueología fenicio-púnica de Ibiza. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza*, 33: 23-57.
- BARROS, P. (2003): «As cerâmicas áticas de Tavira», en *Tavira. Território e poder*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 73-75.
- (2005): «Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Occidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu Rosário, Faro e Tavira», in *El período orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol. II, CSIC, Mérida, pp. 931-945.
- BENDALA GALÁN, M., ROLDÁN GÓMEZ, L., BLÁNQUEZ PÉREZ, J. y MARTÍNEZ LILLO, S. (1994): «Proyecto Carteia: Primeros resultados», *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 21: 81-116.
- CALADO, D. y GOMES, M.V. (2006): «Quinta da Queimada (Lagos): a necrópole da II Idade do Ferro», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (2): 171-175.
- CHIC GARCIA, G. (2004): «La gaditanización de Hispania. Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz», en *XVI Encuentros de Historia y Arqueología*, Caja Sur Publicaciones, San Fernando, pp. 39-62.
- GOMES, M.V. (1993) «O estabelecimento fenicio-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)», en *Estudos Orientais – Os fenícios no território português*, vol. IV, Lisboa, pp. 73-107.
- MAIA, M. (2007): «La pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira», en *Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*, vol. I, Cádiz, pp. 455-488.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARÍNAS, A.M.^a (2000): «La cerámica roja gaditana de tradición griega (tipo Kuass). Estado de la cuestión», en *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Proto-História da Península Ibérica (Vila Real, 1999)*, vol. V, A.D.E.C.A.P., Oporto, pp. 373-388.
- (2003): *Las Cerâmicas Gaditanas «Tipo Kuass»*. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica, Universidad de Cádiz.
- RAMON TORRES, J. (1995): *Las ânforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*, Universidad de Barcelona.
- SÁEZ ROMERO, A.M. (2005): «Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gaditana de los ss. III-II», *Spal*, 14: 145-177.
- STAMBOULI, A., BOURI, A. EL, DAHROUCH, A. y ALAOU, M.K. (2007): «Apport de l'analyse physico-chimique à l'étude des céramiques», in M.K. Alaoui (ed.), *Revisando Kuass (Asilah, Marruecos). Talleres cerámicos en un enclave fenicio, púnico y mauritano. Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Extra 7: 235-236.
- TRINDADE, M.J.F. (2007): *Geoquímica e mineralogia de argilas da bacia algarvia: transformações térmicas*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro. Edição policopiada.